

Autor: Castro

Contra a censura da guerra, o equilíbrio do prazer



Numa das cenas iniciais de “Sol Alegria” (2018, de Tavinho Teixeira & Mariah Teixeira), uma locução radiofônica apresenta-nos à voz do pastor Tirésias, figura política recém-eleita na distopia brasileira viajada através do filme. Quando o protagonista – interpretado pelo co-diretor – consegue reunir todos os membros de sua família marginal, o político evangélico é assassinado, numa tentativa corrupta de viagem aérea. Aparece o logotipo titular da obra, enquanto os seus personagens fogem alucinados pelas paisagens paraibanas. O principal refúgio é um convento assaz heterodoxo, onde cultiva-se maconha e energia anal. Estão alicerçados os parâmetros discursivos de um dos filmes brasileiros mais anárquicos dos últimos tempos.

Emulando bastante o cinema brasileiro setentista – apelidado justamente de “cinema marginal” ou “pós-novo” – este filme posiciona-se frontalmente contra os determinismos conservadores que instalaram-se hodiernamente no cenário político do Brasil. Com a ascensão da direita ao poder, as ameaças de censura cultural reinstalam o pavor associado à ditadura militar que erigiu-se através de um golpe de Estado, em 1964. Um forte moralismo convertido em justificativa-chave para emendas legislativas faz com que o cenário político brasileiro esteja atualmente regido pelo signo do regresso, do atraso, da condenação traiçoeira destinada a qualquer manifestação de originalidade subversiva. E é contra tudo isso que o cineasta paraibano Tavinho Teixeira investe vigorosamente.

Neste que é seu terceiro longa-metragem como diretor, Tavinho Teixeira revela-se bastante autoral, a ponto de resgatar o mesmo ator e personagem principal de seu filme anterior, “Batguano” (2014). Tal qual ocorre naquele filme, em “Sol Alegria”, Everaldo Pontes interpreta um envelhecido e anti-heróico homem-morcego, e profere um dos aforismos mais marcantes desta obra: “*não há nada de natural na Natureza. Quando algo te parecer natural, não está terminado*”. Ele refere-se não apenas ao filme em si, mas também à situação calamitosa do Brasil atual. O processo, definitivamente, ainda não está terminado!

Se, no noticiário político brasileiro, cada novo dia assegura a noticiabilidade de um conjunto de práticas e declarações abomináveis proferidas pelo atual presidente do Brasil e seus asseclas, no filme, a locução radiofônica inicial é substituída pela narração em primeira pessoa do pai protagonista, deveras orgulhoso de sua família lasciva. Na trilha cancional – que inclui versões traduzidas de letras do The Doors e canções da banda os Mutantes – destaca-se o imponente Ney Matogrosso, que aparece como ator pansexual, como os demais. “Sol Alegria” é puro libelo erotógeno e exortação libertina. Obrigatório, mas interditado exibitoriamente. Foi bastante elogiado em festivais, mas ignorado enquanto lançamento comercial. É um filme que precisa ser visto e debatido, inclusive por ter sido positivamente financiado pela Ancine – Agência Nacional de Cinema, sob ameaça de ser extinta no (des)governo de Jair Messias Bolsonaro. Repete-se, à guisa de conclamação imperativa: este filme precisa ser visto!

Por motivos óbvios, este filme é abundante em cenas de nudez e sexualidade incontida. Desafia ostensivamente os clamores censórios hodiernos e possui ecos paródicos de inúmeras obras cinematográficas, musicais e televisivas. Como é praxe na curta mas eloquente filmografia teixeiriana, as referências metalingüísticas são exacerbadas, bem como as homenagens discursivas: impossível não pensar no clássico espanhol “Maus Hábitos” (1983, de Pedro Almodóvar). Mas as intenções do brasileiro são diferentes: o inimigo que ele expõe está imponentemente vivo nos tempos atuais, e beneficia-se absurdamente das brechas de atenção desencadeadas pelo agendamento jornalístico. A obnubilação pretendida pelo acúmulo de impropérios presidenciais tem a ver com as medidas de protofascismo aprovadas sorrateiramente. E, com isso, o meio ambiente, a previdência social e os preceitos educacionais são devastados enquanto discutimos sobre a vilania intrínseca ao conservadorismo neo-ditatorial. Tempos difíceis nós vivemos!

Voltando a “Sol Alegria”, no afã por deixar em aberto o elogio a este filmaço: desenhado como um “filme de estrada”, não há necessariamente uma trama, mas um **percurso**. O pai (interpretado pelo próprio Tavinho Teixeira) apresenta-se de maneira circense como um ex-fascista, como um “cidadão de bem” de outrora, agora liberto de seus ditames persecutórios; a mãe (Joana Medeiros) é uma ativista que entoa celebrenemente versos da cantora argentina Mercedes Sosa; o filho (Mauro Soares) aparece nu ao longo de quase todo o filme, veste uma jaqueta de couro à la Kenneth Anger, e confronta o pai em pleno espetáculo de assunção de princípios; a filha (interpretada por Mariah Teixeira, co-diretora e filha do diretor na vida real) é descrita como “a última mulher fértil do mundo”; e, além destes, há um agregado de nome Toreba (interpretado por um ator com a mesma alcunha), frenético e efusivo, espécie de mentor espiritual da família em pauta. Seus interesses: a deflagração de um caos que restaure a ordem da liberdade de expressão. O maior empecilho: a surrupiação distributiva que o filme vem sofrendo. Nossa missão, enquanto espectadores críticos: divulgar a pujança emergencial desta obra de puro alvitre revolucionário. Imperfeito sim, mas radicalmente contrário à hipocrisia dos Aparelhos Ideológicos de Estado!

Data de Publicação: 30-07-2019